

CAPÍTULO 1

FLORESTAS DE ENCANTO*

Cristina Joanaz de Melo

Investigadora integrada
(IHC – NOVA FCSH)

Catarina Madureira Villamariz

Investigadora integrada (VICARTE)
Docente (DCR – NOVA FCT)

Tânia Manuel Casimiro

Investigadora integrada
(IAP/IHC – NOVA FCSH)

Pedro Urbano

Investigador integrado
(IHC-NOVA FCSH)
Investigador convidado (CEC-FLUL)

Cenário de bailados, óperas e inspiradora de poesias, a floresta é profundamente sensorial. No jogo do visual entre a luz e as trevas, do aromático atordoante ou balsâmico ou ainda do auditivo ao musical encantador, a floresta provoca um leque variado de sensações físicas e psíquicas: medo, beleza, pureza, purificação, liberdade, esconderijo, proteção, expiação, fonte de alimento, de frescura, de calor, exaustão, recuperação de forças espirituais. Palco de inúmeras percepções, é então um lugar passível de ser representado, explorado *ad* limite mas também recuperado e fruído.

* Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. , no âmbito da celebração do contrato-programa previsto nos números 4, 5 e 6 do art. 23.º do D.L. n.º 57/2016, de 29 de agosto, alterado pela Lei n.º 57/2017, de 19 de julho.

Na relação do homem com as matas, bosques e arvoredos, a floresta parece dançar com o território, tal como o elemento antrópico se desloca sobre a mesma: avança, recua, estaca, desaparece e ressurge. Nesta coreografia de longa duração em que os elementos que se identificam ou desaparecem são as árvores, seres vivos inamovíveis por excelência, isso implica que a paisagem florestal se foi modificando ao longo da história, criando recursos e gerando ocupação de elementos variados no território, gerando várias descrições e narrativas que correspondem também a diferentes percepções sobre a sua função, desde o final da Idade Média ao período contemporâneo.

Atualmente, num paradigma de reflexão ecológico-ambiental, considera-se que o património florestal mundial se encontra em risco e, em consequência dessa realidade insofismável, em risco também a vida do planeta, tal como a conhecemos.

Se já foi comprovado que a nível mundial a floresta sofreu degradação, também já se verificou que em determinadas épocas e graças também à intervenção antrópica, aquele tipo de recurso natural regenerou em várias épocas e lugares.

Então no decurso da história, a floresta terá gerado concepções e representações espirituais e artísticas, viabilizando utilizações económicas e sociais na recolha e domínio sobre a transformação dos seus recursos. Adquiriu funções utilitárias em que o universo da sua fruição dependeria, fundamentalmente, de dois fatores: os recursos produzidos e mantidos por dinâmicas naturais e/ou a intervenção humana; dinâmicas estas geradoras de ambientes relacionais de desfrute e de lazer.

Num arco cronológico que transcorre períodos, contextos e culturas distintas, o presente livro pretende refletir a forma como, ao longo da história, a mesma designação de floresta no espaço e no tempo manteve significados, alterou alguns e acrescentou outros sobre si própria.

Inovando nos três temas sobre representação, gestão e fruição de florestas, bosques, matas e arvoredos, esta obra inova também na abordagem; convoca o porquê da representação da floresta e seus significados na arte vítrea enquanto elemento presente no quotidiano da sociedade, no imaginário do religioso e do civil evoluindo de percepções diversas para um elemento decorativo. No caso da faian-

ça, essa expressão por quase ingénuo ou insignificante revela que os elementos da flora estariam por tal modo interiorizados que não se destacando como novidade imagética, constituem elementos de fácil representação e até de distorção pelo hábito do seu conhecimento. Como variações livres sobre as obras de Bach, a representação do vegetativo, da flora conhecida na visualização diária, permite obliterar a reprodução mimética detalhada e decorar livremente um elemento interiorizado num artefacto útil para ser manuseado, ao qual se confere algo de beleza. Assim, esta dimensão aborda aspetos de gestão em que o universo do pragmático, da proteção e manutenção de matas, bosques e arvoredos sai do universo da sensorialidade para a componente funcional de satisfação de necessidades humanas de produtos do bosque, em resposta a uma organização social e económica.

Neste âmbito propõe-se discorrer acerca de uma vigilância racional da manutenção daqueles ecossistemas, dinâmica que permite sustentar um palco de lazer físico, artístico ou espiritual, que mesmo num contexto de privilégios de diferenciação económica e cultural, serve e abrange toda a escala social, acompanhando e refletindo os processos de transformação verificados ao nível do espectro político, da imagem pública, das sociabilidades e do poder simbólico.

Optamos por propor uma estrutura diacrónica no estudo da significância do suporte narrativo seja ele material, territorial ou estético. A metodologia de análise, transversal aos vários capítulos e que os unifica, é a de uma semiologia dos suportes narrativos, que de registo de uma realidade credível mudam de lugar, de significância, conferindo eles próprios, credibilidade à mensagem do elemento narrado, seja ele o vitral, a faiança, o território transformado ou a paisagem fruída.

A função da perceção do elemento florestal no quotidiano como o suporte que o integra, narrativo imagético, demiúrgico-económico ou estético-platónico, assume relevância significativa na interpretação em áreas como a religião e sociedade, moldagem económica dos recursos e na dimensão cultural-social num espaço de privilégio.

Entramos noutra universo das humanidades ambientais: a dimensão sensorial evocada e invocada a partir de imagens fortes quase

como de explosões cósmicas que condicionam e obrigam a ação humana¹.

Nesta proposta, insistimos, a análise no âmbito da história do ambiente, da história de arte, da história económica e social, acaba também por fechar portas, verificando-se por demais incompleta. É incómodo assumi-lo mas talvez profícuo para avançar. Pelo que, a síntese do conjunto de análises elaboradas a partir de diferentes disciplinas pode beneficiar da prestação das humanidades ambientais pois facilita o relacionar dos elementos entre si, mais até do que unir os seus componentes.

Nesse sentido, e apenas na introdução da obra, exploramos a dimensão psíquica e física do sensorial no envolvimento das narrativas científicas; da impressão cultural de longa duração através da visão; da explosão dos desastres naturais e sua influência no agir para mudar cambiantes de sentir, cheirar, alimentar; e da pacificação aromática e visual da natureza em bonança. Propomos que, no final da leitura global, em acréscimo à dimensão quase funcional dos capítulos se regressse à dimensão que o conjunto das abordagens nos oferece. Se os casos de estudo – capítulos – oferecem múltiplas visões sobre o objeto “florestas”, esta abordagem, intencionalmente poliédrica que, aquele manancial sugere e provoca, poderá lançar-nos numa miríade de outras interpretações. Tal universo adquire, portanto, enorme potencial de análise de propostas interpretativas inclusive contraditórias, opostas. Por sua vez, a contradição ou conclusão oposta, em vez de significar *erro*, poderá exigir mais e melhor esclarecimento sobre as dúvidas levantadas e

¹ M. Martin, ‘Peopling Landscapes Through Art’, in *Environmental History In The Making: Explaining*, Vol 1, (E. Vaz, C. Melo, L. Pinto, Eds), Switzerland, Springer, 2017, pp. 17-30; N. Pfeifer, ‘Cognition and Natural disasters: Stimulating an Environmental Historical debate’, in *Environmental History in the Making: Explaining*, vol 1, (E. Vaz, C. Melo, L. Pinto, Eds), Switzerland, Springer, 2017, pp. 3-15; S. Niemi, ‘Exploring Environmental Literacy from a Historical Perspective: how Observations of the Artic Natural Environment by a nineteenth-Century Scholar Resulted in a Proposal for Establishing National Parks, in the Nordic Countries’ in *Environmental History in the Making: Explaining*, vol. 1, (E. Vaz, C. Melo, L. Pinto, Eds), Switzerland, Springer, 2017, pp. 49-69.

encontrar novos rumos exploratórios sobre o tema. Como a natureza, a dialética é dinâmica, não se esgota no que foi ou devia ser.

Neste caso, a descoberta provoca constantemente novas perguntas sobre percepções, representações, utilizações e aquisições acerca do elemento natural, desde logo na evolução do próprio conceito sobre espaços arborizados nas suas dimensões espirituais e materiais que importa considerar em paralelo e não em hierarquia de valor.

Relativamente ao foco, propomos elaborar uma síntese de representação da floresta no universo da imagem em que o objeto suporte da ideia, translúcida, impacta visualmente e transfere uma mensagem que se cristaliza. O vitral, inaugurado no espaço sagrado, comporta o selo da perenidade, uma pedagogia eficaz do simbólico na percepção cultural e social, nos códigos de conduta, transversal no tempo e no espaço no território europeu.

Uma tal eficácia da impressão inconsciente do pictograma terá evoluído como instrumento de pedagogias morais e religiosa para sociais e mundanas, na sua chancela de credibilidade na longa duração no Ocidente Europeu. O suporte, pela beleza hipnotizante da luz que lhe confere significância do templo ao sagrado, também irá captar e credibilizar o mundano, da floresta maligna e perigosa medieval à poção retemperadora na taberna oitocentista bávara, a cerveja que conforta e deleita. Da mesma forma, se o suporte for territorial, geomorfológico, hidrológico, efervescente, biológico, originando apreensão sensitiva – visual, sonora, odorante, gustativa, tátil – por parte das testemunhas coevas, a sua percepção diferenciada ou comum sobre os mesmos fenómenos confere validação à multiplicidade de representações e narrativas.

Portanto, a questão da percepção como eixo da representação da realidade envolvente e significados epocais assume relevância na forma como a informação coeva é produzida. Este ponto é fundamental reter, pois constituirá um elemento cerne na reflexão por onde deambulamos, a de analisar o território invisível, transitado, metamorfoseado pela ação antrópica e da mãe Natureza convertendo tantas paisagens nos mesmos lugares².

² A. Huzui-Stoiculescu, R. Stoiculescu, H. Patru-stupariu e A. Nicole, ‘A Double Landscape Shaped by a Century of Logging industry and Resort Development

Esta percepção, decorrente de elementos materiais desaparecidos mas registados em informação escrita, salienta resultados que poderão escapar a análises polinológicas, botânicas, químicas ou outras neste espectro de atuação. Não obstante os seus contributos valiosos, os respetivos resultados poderão ser melhor interpretados se cruzados com os dados de que falámos³. Neste universo acresce o registo sobre modos de funcionamento do elemento humano relativamente à regeneração de árvores e seus subprodutos, práticas que revelam capacidade de manter tributação em géneros na longa duração, de árvores alegadamente desaparecidas⁴. Salientam-se informações acerca de recursos naturais vegetativos regenerados, consumidos-desaparecidos em ciclos de eterno retorno, que não conseguimos contabilizar nem medir exatamente com os instrumentos analíticos de laboratório.

Face ao que foi exposto, podemos considerar uma evolução da narrativa imagética que vincula e eterniza modos e percepções psicológicas para o futuro, para uma quase banalização de elementos gráficos transpostos só para goáudio visual nos objetos de quotidiano, paralela, no manuseamento dos recursos, à sua congénere física, desenrolada num suporte narrativo instável, o território turbulento, mutável e dinâmico da Natureza.

on Prahova Valley and the surrounding Mountains’, in *Environmental History in the Making: Acting*, vol 2, (E. Vaz, C. Melo, L. Pinto, Eds), Switzerland, Springer, 2017, pp. 113-143.

³ K. Woitschová, ‘Hidden Treasures: Challenging Traps of Historical Sources for Environmental History’, in *Environmental History in the Making: Explaining*, vol 1, (E. Vaz, C. Melo, L. Pinto, Eds), Switzerland, Springer, 2017, pp. 109-142; L. Pinto, P. Ramisio, C. Melo e E. Vaz, ‘A sustainable and symbiotic relationship between human occupation and a natural waterscape. The Afife case study, from the XIIth to the XXth century’, *Working Papers*, 66, Núcleo de Investigação em Microeconomia Aplicada (NIMA), Universidade do Minho, Braga, 2016.

⁴ R. Keyser, ‘Wood for Burning: The continuity of Woodland Management in Medieval and early Modern France’, in *Environmental History in the Making: Explaining*, vol 1, (E. Vaz, C. Melo, L. Pinto, Eds), Switzerland, Springer, 2017, pp. 307-340.

O suporte onde se originam *muitas paisagens num mesmo lugar*, identifica uma cronologia da transformação da mesma geografia pois integra elementos anteriores compondo novos mosaicos com elementos naturais pertença de diferentes intervalos, visíveis até a olho nu, transformando a paisagem numa fonte histórica de *per se*. A paisagem num dado momento, também ela, é uma súpula de elementos históricos que evidencia um quadro evolutivo. É neste sentido que o olhar sobre *Landscape Reading Methodologies*⁵ pode conferir significado relevante à congregação de abordagens aqui desenvolvidas, pois integra elementos de tempos e qualidades distintas, todos eles parte de um mesmo processo⁶.

Avançando com hipóteses de análise muito balizadas por ganhos económicos em tensão com o paradigma ecológico e ambientalista, propomos também uma reflexão sobre o inesperado suporte do território que permite ao fator antrópico agir nele, com ele e apesar dele. Entre a fruição em medo e a tentativa de sobrevivência pela manutenção e exploração da floresta, ainda em plena desvantagem com os titãs animistas, o agente humano procura encontrar soluções de viabilidade humana e natural em plena guerra entre os elementos.

Nesse campo de batalha feroz experimenta a força crua da natureza, sendo o fator antrópico obrigado a transpor medo e inseguranças múltiplas: tremores de terra, marmotos – tsunamis –, fogo, inundações torrenciais, tempestades marítimas, relâmpagos, devastação, trovões, choro e ranger de dentes. Portugal assim vive no século XVIII, com os sentidos todos em alerta para a sobrevivência: sons brutais, fustigação

⁵ C. Melo, L. Pinto, P. Ramísio e E. Vaz, ‘A sustainable and symbiotic relationship between human occupation and a natural waterscape. The Afife case study, from the XIIth to the XXth century, *Working Papers*, 66, Núcleo de Investigação em Microeconomia Aplicada (NIMA), Universidade do Minho, Braga, 2016.

⁶ S. Schama, *Landscape and Memory*, New York Vintage Books, 1996; C. Joanaz, L. Pinto, P. Ramísio, E. Vaz ‘A sustainable and symbiotic relationship between human occupation and a natural waterscape. The Afife case study, from the XIIth to the XXth century, *Working Papers*, 66, Núcleo de Investigação em Microeconomia Aplicada (NIMA), Universidade do Minho, Braga, 2016.

sobre o corpo, a natureza em erupção, olhar, provar, cheirar o horror, devastação, morte e dor. E só depois, a recuperação.

Neste quadro brotarão soluções ambientais para a sã convivência com a fruição do mundo natural em processo de humanização, manutenção de ecossistemas e regeneração. Quase que ouvimos e presenciamos a suite de “Os Planetas” de Holst e a explosão e guerra dos mesmos com Marte e Júpiter a pontuar ataques, em que da destruição brota ou se recompõe a vida – primeiro em erupção –, e, só depois, o universo se organiza em espaço-matéria pacificada; como se a ação humana e o resgate da floresta dependessem dos seus compassos e andamentos.

De alguma forma, a gestão florestal depende dos intervalos de guerra e de paz em que no tempo de bonança é necessário criar mecanismos para garantir a fruição económica e estética. É esta cadência que irá conferir significado espiritual e de utilidade da floresta no consciente e subconsciente cultural, das necessidades de subsistência e da fruição lúdica, do exato mesmo território, as caçadas reais como universo alargado de exaltação e expressão livre da alma.

Neste horizonte, se saímos da floresta da imagem significativa e codificadora de comportamentos, laboratório vital dos meios de sobrevivência, entramos também no campo social muito marcado e claro quanto a um código de direitos e de deveres, diferenciados e diferenciadores que uma leitura mera do social pode ofuscar. O privilégio e as caçadas reais são tudo isso sem dúvida. Mas o prazer sensorial da frescura, do descanso universal, do alimento recolhido sem esforço e da beleza universal, catapulta a mente para o nível do *pneuma*, do êxtase espiritual.

O deleite e o sensorial positivo na tempestade que se sucede à bonança, isto é na cronologia do último quartel de Oitocentos que apesar de tudo não destrói por forças telúricas e massas hídricas torrenciais, a paisagem pacificada confere pertinência e sabor à dimensão apreciativa do belo forte, aromas de plantas coradas de luxuriante cromático, fresco cantar da água, elementos de agradabilidade, deleite inspiradores de brandura e suavidade e libertação pneumática da mente, da representação do luxo exclusivo do descanso e do lazer.

Em síntese, o sensorial pode articular múltiplos domínios de percepções sobre a floresta que se não forem confrontados com a experiência

imamente também podem induzir em ficção. Sem querer estragar a viagem pelo sonho, as mesmas representações da floresta podem traduzir a escolha aleatória dos elementos decorativos sem significados profundos e a exploração fundiária e os desastres naturais exprimir uma dura realidade. Impôs a necessidade de inventar formas de exploração económica até do universo silvestre como garante de viabilidade da vida com a qual se articulam quadros de bonomia natural e tempos de recuperação anímica através inclusive da beleza.

Se o sensorial pode constituir chave denominador comum a toda a obra, carece aprofundar cada um dos tópicos de percepção-imagem, exploração-revelação, fruição deleite, na análise histórica que compete e que constitui objetivo fundamental deste trabalho. Na verdade, o objeto deste estudo, a floresta portuguesa na *média/longa* duração, suscita diferentes abordagens e análises e como tal, diferentes metodologias, tornando mais premente o seu estudo aprofundado, que permite a abertura de novos horizontes de pesquisa e investigação, bem como de consciencialização da importância da preservação do património material e imaterial que os espaços verdes totalizam.

Como informámos anteriormente, apesar da dimensão diacrónica do discurso, os intervalos cronológicos deixam margem e suscitam reflexões sobre múltiplas perspetivas. Intencionalmente procurámos um exemplo de cada período representativo do final da Idade Média, Época Moderna e período Contemporâneo anterior aos grandes flagelos ecológicos despoletados por guerras mundiais e *boom* demográfico mundial do século XX, a partir do qual a relação entre ocupação, produção alimentar e consumo mudou exponencialmente em desequilíbrio para com o mundo natural, à escala global.

De alguma maneira, para pensar problemas ecológicos e ambientais na história, era necessário libertarmo-nos da pressão ambiental e ecológica atual e tentar, não obstante a ótica de abordagem vir desta linha de análise, ir ao encontro da percepção da natureza e dos seus modos de relação nos devidos contextos epocais livres.

A obra é composta pelo presente capítulo introdutório e quatro capítulos temáticos sobre diferentes casos de estudo. No campo das percepções e representações iniciamos com uma reflexão sobre a representação de floresta em vitrais, do final da Idade Média à contempora-

neidade através da Europa, destacando o panorama português, enunciando a evolução de diferentes significados e mensagens deste elemento cultural e pedagógico na expressão de códigos de conduta.

Estabelece-se a passagem do cultural social para o universo pragmático do quotidiano eventualmente dos materiais utilitários, no estudo de faiança portuguesa, um tipo de produção cerâmica largamente produzido e consumido entre os séculos XVI e XVIII em Portugal na Época Moderna. A presença deste elemento nos ambientes domésticos da Idade Moderna poderá revelar o modo como as pessoas se relacionam com a faiança na proximidade e incorporando consciente ou inconscientemente elementos decorativos de outras regiões do Globo. Aqui notamos que a representação da floresta nos objetos de manuseamento não é culturalmente estanque, constituindo mesmo resultado de um sincretismo cultural reflexo da globalização promovida pelos portugueses em centúrias anteriores e da circulação interna de informação pictórica.

Na passagem dos usos quotidianos dos objetos para o palco de extração dos materiais da sua produção, avançamos para o domínio da paisagem e território considerando a gestão territorial, respetivo ordenamento e fruição de elementos naturais. Neste domínio analisam-se dimensões cruzadas dos setores socioeconómico e científico, no tocante à exploração e regeneração de recursos florestais. A ótica escolhida é a das soluções ambientais adotadas para fazer face a problemas de escassez de produtos lenhosos ao longo da Idade Moderna em Portugal, com maior enfoque no século XVIII. Produz-se apreciação genérica sobre a gestão florestal na metrópole portuguesa e sua ligação com o Império Colonial especificando conteúdos – problemas e soluções verificadas – no período Setecentista.

Terminamos com um panorama de análise possível sobre fruição e estética de paisagens silvestres em Portugal, no campo do social e artístico seguindo o itinerário do privilégio na relação que se estabelece entre caçadas e as tapadas régias para gáudio desportivo e despojamento do formal dos respetivos participantes no reencontro com uma natureza pura, nos finais da monarquia constitucional. A cronologia percorre sumariamente elementos de constituição legal de privilégios de floresta e de caça ao longo da época moderna para entender evolução de perceções sobre a natureza pelas próprias elites no período Contemporâneo, cen-

trando a trama analítica no final da Monarquia Constitucional durante o reinado de D. Carlos. A narrativa incide na gestão e administração das florestas régias, nos diferentes modos de fruição e utilização deste espaço, identificando a perspetiva funcional da paisagem para o ócio, desporto e sociabilidades. Salienta ainda um aspeto muito relevante na época, em quadro de grandes tensões ideológico-políticas, sobre o impacto da atividade venatória na imagem pública do rei e da monarquia.